



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA AIDS – EDUCAR PARA DESMITIFICAR

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho¹

Bruno Adelmo Ferreira Mendes Franco²

Mauricio de Souza Campos³

Milena Araújo Silva Sá⁴

Nelson Junot Borges⁵

Tamila Pires da Silva⁶

Resumo

O crescimento do número de casos de HIV na capital baiana na primeira década do século XXI contrasta com a estabilização percebida em outras capitais brasileiras e levanta uma questão relevante na luta contra a AIDS: por que as campanhas de prevenção veiculadas pela mídia não se refletem nas pesquisas que mapeiam os índices da infecção em Salvador? Foi nesse contexto epidemiológico que surgiu o Grupo de Extensão Universitária AIDS – Educar para Desmitificar, vinculado ao Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia. Sob a coordenação da Professora Doutora Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, o grupo de alunos vem promovendo, desde 2009, diálogos com estudantes de instituições de ensino médio e superior, bem como com detentos do sistema prisional da capital baiana, a fim de veicular informações desnudas de preconceito, esclarecer dúvidas, produzir reflexões conjuntas sobre o comportamento sexual e solidariedade aos portadores do HIV. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a educação sexual dentro e fora das instituições de ensino.

Palavras-chave: extensão universitária; AIDS; Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

¹ Psicóloga, Psicanalista, Professora Adjunto do Instituto de humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA. Email: therezacoelho@gmail.com

² Graduado em Fisioterapia. Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA. E-mail: brunoadelmomendes@gmail.com

³ Graduado em Biologia e Direito. Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA. E-mail: mauriciodesouzacampos@hotmail.com

⁴ Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA. E-mail: milenasa03@gmail.com

⁵ Graduado em Comunicação. Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA. E-mail: njborges@gmail.com

⁶ Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA. E-mail: tamipires@hotmail.com



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



O grupo de extensão universitária AIDS – Educar para desmitificar foi criado em 2009 com o objetivo de fomentar a discussão a respeito do HIV/AIDS, abordando questões que extrapolam os aspectos biológicos da transmissão do vírus e da doença. Visando veicular informações desnudas de preconceito, produzir reflexões a respeito dos aspectos socioculturais inerentes ao HIV/AIDS, levantar debates sobre comportamentos sexuais e esclarecer dúvidas referentes a esta doença sexualmente transmissível (DST), construímos espaços de diálogo inicialmente dentro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e depois expandimos o projeto para escolas públicas de nível médio e superior para, por fim, levarmos a oficina para detentos do sistema prisional da capital baiana.

Este projeto busca construir espaços de diálogo onde todos os atores envolvidos possam compartilhar experiências e conhecimentos a respeito do HIV/AIDS de forma que a nossa contribuição para a educação sexual dos envolvidos não aconteça de forma verticalizada e, portanto, consiga ser traduzida em mudanças de comportamentos e atitudes, tanto no que diz respeito a práticas de sexo mais seguras, quanto a relações mais sensíveis com os portadores do vírus ou pessoas com AIDS.

É importante ressaltar que cada público demanda uma organização diferente na realização das oficinas. Essa mudança acontece não apenas no que diz respeito à metodologia, mas à própria linguagem utilizada pelos membros da equipe. O espaço e o tempo que temos disponíveis para cada atividade também são determinantes no modelo de ação organizado pela equipe. Reuniões periódicas de planejamento são necessárias para a realização do projeto.

Antes de iniciarmos um relato mais detalhado destas atividades, propriamente dito, gostaríamos de tecer algumas considerações no âmbito da Educação em Saúde. Alguns autores, a exemplo de Gazzinelli *et al* (2005), têm analisado as mudanças no discurso oficial dessa área. De acordo com os mesmos, os projetos eram antes construídos prioritariamente para grupos em



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



vulnerabilidade social, uma vez que os problemas de saúde eram entendidos como resultantes do baixo nível educacional da comunidade. Por esse motivo, as práticas pedagógicas em saúde tinham a finalidade de transmitir conhecimentos a determinados grupos populacionais, para que estes desenvolvessem novos comportamentos e práticas. Esses autores fazem a reflexão de que “comportamentos inadequados do ponto de vista da promoção da saúde são, então, explicados como decorrentes de um déficit cognitivo e cultural, cuja superação pode se dar por meio de informações científicas e saberes provenientes do exterior” (GAZZINELLI *et al*, 2005, p. 201).

Ainda Gazzinelli *et al* (2005) apontam que uma revisão dos documentos do Ministério da Saúde de 1980 até 1992 mostra uma resignificação da expressão Educação em Saúde, sobretudo devida à grande influência dos estudos de Paulo Freire, saindo-se de uma perspectiva de imposição de modelos para uma outra voltada para a participação comunitária (GAZZINELLI *et al*, 2005). Contudo, a definição de Educação em Saúde das Diretrizes da Educação para a Saúde, do Ministério da Saúde, que a concebe como “uma atividade planejada que objetiva criar condições para produzir as mudanças de comportamento desejadas em relação à saúde” (BRASIL, 1980, p. 370), ainda reflete a intenção de manter verticalizada a relação entre governo e população, sendo os gestores os responsáveis por construir e socializar padrões de saúde (GAZZINELLI *et al*, 2005).

As práticas de educação em saúde são ainda fortemente influenciadas pelo método cartesiano, entendendo o público alvo como objeto de transformação e não como sujeito desta. A idéia que prevalece é a da necessidade de mudar os indivíduos para se atingir bons índices de qualidade de vida e não a de alterar as situações de desigualdade. Apesar de historicamente a educação em saúde ter sido configurada como uma prática e um discurso coercitivo e normativo, atualmente vem ocorrendo a incorporação de “novos referenciais teóricos que ultrapassam a noção determinística entre saber instituído e prática em saúde” (GAZZINELLI *et al*, 2005, p. 201).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Os novos debates a respeito da Educação em Saúde a entendem como uma ferramenta capaz de construir um saber coletivo, que irá permitir a emancipação e a autonomia do sujeito no que diz respeito ao cuidado de si, da sua família e do seu entorno (Machado *et al*, 2007). Gazzinelli *et al* (2005) discutem a necessidade de levar em consideração as representações da saúde e da doença de todos os envolvidos (gestores, profissionais, usuários), entendendo que estes estão em constante atualização de hábitos, modos de vida e sensibilidades que são construídos de acordo com os significados histórica e culturalmente construídos. É fundamental a superação do caráter instrumental das práticas de Educação em Saúde, pautadas exclusivamente no saber científico. A população precisa fazer e se sentir parte desse processo, para só assim produzirmos atitudes geradoras de mudanças.

Desse modo, a educação em saúde é entendida como um campo multifacetado, onde convivem em uma mesma rede de relações diversas compreensões de mundo, diferentes posições político-filosóficas sobre os indivíduos e a sociedade, e no qual se procura desenvolver e compartilhar potencialidades, na tentativa de superar os limites e as dificuldades que estão colocados (Machado *et al*, 2007). Trata-se de um bem comum, ou seja, de um processo de construção de conhecimento compartilhado, que poderá resultar em intervenções nas relações sociais, que influenciarão na qualidade de vida de cada um dos envolvidos.

Machado *et al* (2007, p. 339) destacam que “o conceito de educação em saúde está ancorado no conceito de promoção da saúde”, uma vez que visa envolver toda a população na conjuntura em que está inserida, e não apenas os grupos em risco de adoecer. Esses autores assinalam que o conceito ampliado de saúde e o modelo de educação problematizadora também são pilares do novo debate em torno da educação em saúde. Considerar a saúde em seu aspecto positivo e vivo, como uma constante busca pela qualidade de vida e se pautar em uma educação voltada para a conscientização, para a mudança e para a libertação é fundamental na consolidação de práticas de



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



educação em saúde com um pensar crítico e reflexivo, capazes de articular saberes técnico-científicos e populares, de aproximar a relação entre profissionais e sujeitos, enfim, capazes de permitir a proposição de ações que de fato promovam mudanças individuais e coletivas.

A educação em saúde se apresenta, assim, como estratégia fundamental no combate ao HIV/AIDS, uma vez que, não existindo vacinas que impeçam o adoecimento ou medicamentos capazes de curar os infectados, a informação é a melhor ferramenta que dispomos no controle desta epidemia. Merchan-Hamann (1999) aponta que os projetos de educação em saúde, principalmente aqueles relacionados à prevenção da transmissão sexual de HIV/AIDS, precisam reconhecer o caráter subjetivo inerente a esta temática, afastando a ótica predominantemente individualizante, psicológica e biologicista muitas vezes aplicada pela psicologia e pela medicina clínica. Assinala ainda a importância de atentarmos para o fato de que as práticas estão revestidas de valores e, portanto, dimensões como o eu-cidadão e o eu-sexual precisam ser centrais nos espaços de discussão sobre esta problemática.

Faz-se necessário, então, construir uma prática democrática de educação em saúde que seja capaz de compreender as relações de poder, a importância da estrutura socioeconômica e da própria cultura em todos os aspectos que dizem respeito ao HIV/AIDS, que valorize a diversidade, que esteja desnuda de preconceitos e que seja capaz de sensibilizar o coletivo participante, de forma que se construam permanentemente valores de cidadania (MERCHAN-HAMANN, 1999). Criar momentos em que se possam compartilhar conhecimentos a respeito de como essa síndrome é transmitida, como preveni-la e quais são os direitos da população infectada e não-infectada representam o primeiro passo para se romper com o tabu e o estigma que acompanham essa doença.

Foi nessa direção que começamos a desenvolver nossas atividades no Instituto de Humanidades, Artes e Ciência Prof. Milton Santos – IHAC da UFBA, para todos os estudantes desta Universidade, com um tempo inicial de



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



3 horas para a realização da mesma e recursos como data-show para a projeção de filmes, vídeos e músicas a respeito do tema. A oficina estava organizada em três momentos: no primeiro, fazíamos um apanhado geral a respeito dos aspectos biológicos da doença e das formas de prevenção; no segundo, discorriamos sobre as formas pelas quais a sociedade foi percebendo a epidemia da AIDS e os estigmas e preconceitos criados em torno desta síndrome; e, no último, fazíamos uma análise, a partir de recortes de filmes, de como o cinema ratificava o discurso científico de um dado momento e tornava-o senso-comum, destacando a capacidade desta arte em gerar ou quebrar preconceitos.

Criamos um espaço de interlocução bastante interessante, uma vez que, mesmo se tratando de um espaço ocupado por acadêmicos, muitas dúvidas ainda persistiam sobre questões básicas da síndrome e dos seus mecanismos de transmissão. Além disso, a utilização dos filmes enriqueceu bastante a discussão a respeito das questões socioculturais às quais a AIDS está atrelada. Foi possível construir um longo debate a respeito dos direitos dos portadores do vírus, bem como sobre a forma como o preconceito foi construído, principalmente relacionando a posse do vírus a determinados grupos sociais. Dialogamos sobre o nosso papel como agentes responsáveis em combater essa epidemia, na luta pela qualidade de vida daqueles que desenvolveram a síndrome.

Outro ponto que merece ser destacado foi a diversidade do público que participou e contribuiu nas discussões, constituído por estudantes da área da saúde, das ciências humanas e das artes, que puderam levantar pontos diversos relativos a esta epidemia. Discutimos o porquê da dificuldade em se chegar a uma vacina contra o HIV, a ineficácia das campanhas de prevenção, a importância do trabalho coletivo na diminuição dos índices da AIDS, entre outros aspectos.

Nas escolas de ensino público e privado, a metodologia escolhida pela equipe visava algo mais lúdico e que pudesse fomentar o debate entre os jovens presentes, de forma que estes não se sentissem reprimidos ou



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



constrangidos. Com base na estratégia recomendada pelo Ministério da Saúde para discutir DST com jovens, utilizamos a técnica da Árvore dos Prazeres. A dinâmica consiste em os estudantes escreverem, numa árvore feita de papel, um prazer, um risco relacionado a um dos prazeres citados e uma estratégia de prevenção para os riscos relacionados à sexualidade. A partir daí, o debate era construído de forma coletiva.

Muitas foram as dúvidas referentes às formas como se contrai o vírus, como ele se desenvolve no organismo, as vias de prevenção. Esse público discutiu bastante a necessidade de quebrarmos preconceitos a respeito da AIDS, relatou a dificuldade que possui de conseguir preservativos ou conversar sobre sexo devido à idade, já que são considerados muito jovens por parte dos pais e dos próprios profissionais de saúde para debaterem este tema.

As oficinas desenvolvidas no sistema prisional, por sua vez, foram organizadas em forma de roda de discussão, a partir de um questionário que servia como roteiro. Nesse espaço, dispúnhamos de poucos recursos estruturais, pois, devido às regras da unidade prisional, não podíamos freqüentar as áreas de contato com os internos com muitos materiais em mãos. O tempo de duração da oficina também era limitado, uma vez que esta não podia chocar com as outras atividades que são aí desenvolvidas. Dessa forma, nos foi disponibilizado o tempo máximo de uma hora e trinta minutos.

O contato com esse público foi bastante enriquecedor, uma vez que sua grande maioria já se encontrava em estado de vulnerabilidade social muito intensa antes mesmo de ser privada de liberdade, o que tende a se agravar durante e após o período na prisão. Tratava-se de uma população bastante diversificada e que apresentava diferentes níveis de educação escolar.

Muitos internos apontaram a relação entre a AIDS e a morte, ou seja, reproduziram a equação $AIDS = MORTE$, segundo a qual não se pode ter uma vida saudável e normal quando se é portador do HIV. A maioria comentou que não tinha dúvidas quanto à prática do sexo seguro e relatou que o não-uso do preservativo deve-se ao fato deste ser desconfortável e gerar menos prazer na relação sexual. Ainda sobre a utilização dos preservativos, os internos



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



assinalaram que estes não precisam ser usados nos relacionamentos fixos e que, se a parceira exige a sua utilização, a relação de confiança entre o casal fica abalada.

Destacamos que a dinâmica das oficinas, baseada numa relação horizontal entre os todos os participantes, incluindo os membros do grupo de extensão, foi fundamental no processo de reconhecimento da capacidade de cada um em construir relações com outros sujeitos e entre estes e o mundo em que estão inseridos. No processo de integração com a comunidade, a equipe de estudantes universitários não se colocou como detentora de um saber absoluto e superior e buscou criar espaços para que a cultura e o saber popular pudessem dialogar com o saber científico, de forma que todos os indivíduos tivessem condições de modificar sua realidade de forma positiva.

Identificamos, desse modo, que, através do compartilhamento de experiências com outros sujeitos e consigo próprio, torna-se possível internalizar conhecimentos, papéis e funções sociais, que são também responsáveis por gerar novos conhecimentos e transformar consciências. Dessa maneira, esta iniciativa tem despertado a percepção de cada cidadão sobre o seu compromisso ético-político e seu papel enquanto construtor e modificador das práticas sociais.

O projeto AIDS: Educar para Desmitificar foi se desenvolvendo e se reestruturando a cada contribuição feita pelos participantes. De maneiras diversas e com públicos tão variados, pudemos construir conhecimentos sobre a questão do HIV/AIDS, repensando nossos valores, comportamentos e atitudes. Acreditamos que, de fato, conseguimos desmitificar muitos pontos relacionados a essa síndrome nos contatos com os participantes e esperamos que cada um que se envolveu com este processo tenha percebido seu papel de multiplicador de informações e de sujeito no combate a esta epidemia.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Referências

GAZZINELLI, M.F.; GAZZINELLI, A.; REIS, D.C; PENNA, C.M.M. Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. *Cad. saúde pública*, v.21, n.1, p.200–206, 2005.

MACHADO, M.F.A.S.; MONTEIRO, E.M.L.M.; QUEIROZ, D.T.; VIEIRA, N.F.C.; BARROSO, M.G.T. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS - uma revisão conceitual. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.12, n.2, p.335-342, 2007.

MERCHAN-HAMANN, E. Os ensinamentos da educação para a saúde na prevenção de HIV-Aids: subsídios teóricos para a construção de uma práxis integral. *Cad. Saúde Pública*, v.15, suppl.2, p.S85-S92, 1999.

